



Você tem fome de quê? Nós temos fome de formação educacional permanente!

What are you hungry for? We hunger for ongoing educational formation!

SERAFIM, Ana Paula F.¹; CORRÊA, Elizabeth C. R.²; ARAÚJO, Fabiana de C. D.³; FERREIRA, José Carlos B.⁴; COSTA, Raquel S. da C. L. da⁵

¹ UFRRJ, anafonseca.educa@gmail.com

² UFRRJ, elizabethcorrea@gmail.com

³ UFRRJ, prof.fabiana.araujo@gmail.com

⁴ UFRRJ, zecarlosfer@yahoo.com.br

⁵ UFRRJ, r.lopescosta1975@gmail.com

RELATO DE EXPERIÊNCIA TÉCNICA

Eixo Temático: Educação em Agroecologia

Resumo: O presente trabalho tem como objetivo apresentar a experiência realizada pelo departamento de Educação do Campo, Movimentos Sociais e Diversidade - Instituto de Educação Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, *campus* Seropédica, com professoras(es) da educação básica do estado do Rio de Janeiro, que puderam ter formação continuada no curso de especialização em Educação do Campo - Programa Escola da Terra. Os estudos oportunizaram aos docentes leituras, debates, vivências em territórios de comunidades tradicionais, instituições e escolas do campo com oportunidade de conhecimento em agroecologia, educação do campo e ambiental.

Palavras-chave: agroecologia; escola da terra; educação do campo; formação continuada de professores.

Contexto

O curso de especialização em Educação do Campo - Programa Escola da Terra na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, *campus* Seropédica, ocorreu de março de 2022 a junho de 2023. A organização e coordenação da formação foi de responsabilidade de professoras do Departamento de Educação do Campo, Movimentos Sociais e Diversidade - Instituto de Educação/UFRRJ, entretanto para o planejamento e desenvolvimento do curso, houve o auxílio de docentes/pesquisadoras/colaboradoras também de outros departamentos e instituições como a UFF.

O objetivo da formação foi atender a demanda de formação contínua de professoras (es) das redes públicas da educação básica do estado do Rio de Janeiro, mais especificamente, promover a formação continuada específica de professores para que atendam às necessidades de funcionamento das escolas do campo, das localizadas em comunidades quilombolas, oferecer recursos didáticos e pedagógicos que atendam às especificidades formativas das populações do campo e quilombolas (Manual de Gestão do Programa Escola da Terra) e a troca de saberes populares e científicos no campo da agroecologia, entre outros.



Esta formação abarcou várias temáticas ligadas às questões do campo; a agroecologia; a educação quilombola e demais povos originários, além da educação do campo institucionalizada e popular; a educação ambiental, (figura 1), a pedagogia da alternância, práticas de autocuidado e saúde através da cultura e tradição popular. A metodologia de vivências em territórios dos povos tradicionais desenvolvida, contribuiu significativamente para ampliação da formação das professoras(es)/formação/formadores. Foram visitados para desenvolvimento das atividades e aprendizagem: o quilombo Dona Belina (Campo Grande, Rio de Janeiro) e Maria Joaquina (Búzios), ambos no estado do Rio de Janeiro, que por herança, há várias gerações mantêm práticas agroecológicas no seu cotidiano.

Foram ministradas duas disciplinas específicas no tema agroecologia: Agroecologia e Educação do Campo, com carga horária de 30h, e Agroecologia e Alimentação Escolar, com carga horária de 15h. Outra contribuição substancial agregada a esses conhecimentos foi a disciplina de Educação Ambiental e Autocuidado, a qual trouxe articulação das teorias com a vida prática cotidiana.

Descrição da Experiência

Temos certeza de que a frase: “Você tem fome de quê?” já foi ouvida e falada muitas vezes. Talvez numa canção, num poema, num texto informativo ou jornalístico. Independente do meio de expressão a indagação é sobre fome.

Segundo, o dicionário do desenvolvimento,

A fome é a privação de uma alimentação de qualidade, nutritiva e suficiente durante todo o ano, geradora de malnutrição e/ou desnutrição. Provoca mal-estar físico e psicológico e tem impacto no desenvolvimento, na mortalidade infantil e na esperança média de vida das populações. (FOME, 2020)

Sabemos que a fome sempre fez parte da realidade mundial. A definição de fome é a privação do alimento de qualidade que garante o direito à vida e que após a pandemia, com a guerra na Ucrânia e outros contextos políticos e econômicos mundiais agravou-se muito a insegurança alimentar em todo o mundo.

Mas o tipo de fome que queremos abordar é a fome de compartilhar conhecimento. As diversas maneiras, grupos e formas de relação com os alimentos, principalmente no que tange a produção dos mesmos. Tal reflexão foi possibilitada e desenvolvida no curso especialização, com consequências e desdobramentos tanto no campo pedagógico, em suas atuações, nos campos profissionais das(os) cursistas, assim como em seus relatos de vida pessoal.



Através de seus percursos formativos de professoras(es)/formação/formadores¹ demonstram a necessidade e o desejo de formação nas diversas temáticas em agroecologia para sua utilização no trato pessoal e profissional.

Como afirma Josso (2007),

A colocação em comum de questões, preocupações e inquietações, explicitadas graças ao trabalho individual e coletivo sobre a narração de cada participante, permite que as pessoas em formação saiam do isolamento e comecem a refletir sobre a possibilidade de desenvolver novos recursos, estratégias e solidariedades que estão por descobrir ou inventar. As crenças de cada um e de uma sobre as potencialidades do humano desempenham aqui um papel maior. E será facilmente compreensível a importância de trabalhá-las explicitamente se pretendemos contribuir para mudanças sérias no fazer e no pensar de nossa humanidade. (JOSSO, 2007).

Durante a formação, as aulas de Agroecologia e Educação Escolar foram importantes e impactantes assuntos abordados naquele momento: saúde, corpo, alimentação e segurança alimentar, com a possibilidade de mudanças significativas para a alimentação, a relação com o alimento, com a terra e com pensar sobre alimentação própria, dos filhos, dos estudantes, familiares e como todos se alimentam.

As experiências pessoais e profissionais em forma de relato foram permitindo trocas significativas entre todos. Cada experiência e história levou o grupo de professores em formação a reflexão e ao relato final do quanto o conhecimento produzido durante as aulas, leituras, vivências e sistematização, a partir da articulação entre teoria e prática, produziram novos saberes que modificaram suas práticas pessoais na atenção em relação aos alimentos, aos produtos alimentícios, a forma de produção atual desses e a forma como os antepassados faziam.

¹Somos docentes de instituições públicas federais, estaduais e municipais de educação do campo do estado do Rio de Janeiro.



Figura 1. Aula de educação ambiental e autocuidado. Especialização em educação do campo - Programa Escola da Terra/UFRRJ. Seropédica-RJ. 2022.



Figura 2. Participação na XVI Romaria da Terra e das Águas. Bracuí, Angra dos Reis-RJ. 2022.



Figura 3. Visita a horta do Quilombo Dona Balbina. Rio de Janeiro-RJ. 2022.

Resultados

As visitas aos quilombos, participar da XVI Romaria da Terra e das Águas (Figura 2) durante a pandemia de covid 19 (em um momento que as sociedades retornavam às atividades), ter contato com as formas de preparar a terra e como semear as hortas nos territórios visitados, (figura 3), ver diferentes projetos escolares, as adaptações das hortas nas casas dos docentes e em casas com quintais, até mesmo em apartamentos, problematizando o uso do manejo de agrotóxicos na agricultura e as relações destes com doenças e alterações substanciais no modo de viver e na qualidade da saúde foram aspectos importantes ocorridos e constatados através de monografias construídas para os trabalhos de conclusão.

As dimensões do saber e da prática docente se inter-relacionam, pois, sintetizam quem ele é e o que pretende realizar a partir dos saberes e com sua prática cotidiana, sempre em construção, logo, a educação continuada deve fazer parte da carreira do docente, como afirma Freire (1996, p.23-24):

Ensinar inexistente sem aprender e vice-versa e foi aprendendo socialmente que, historicamente, mulheres e homens descobriram que era possível ensinar. Foi assim, socialmente aprendendo, que ao longo dos tempos mulheres e homens perceberam que era possível -- depois, preciso trabalhar maneiras, caminhos, métodos de ensinar. Aprender precedeu ensinar ou, em outras palavras, ensinar se diluía na experiência realmente fundante de aprender.

Portanto, a vida se dá nesse entrelaçar e cruzar de histórias passadas, recentes e que desejamos construir para gerações futuras como o legado deixado por nossos antepassados na maneira de viver e ensinar a viver bem do bem da terra.



Referências bibliográficas

CALDART, Roseli Salette (org.). **Dicionário da Educação do Campo**. / Organizado por Roseli Salette Caldart, Isabel Brasil Pereira, Paulo Alentejano e Gaudêncio Frigotto. – Rio de Janeiro, São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, Expressão Popular, 2012.

FOME. In: **Dicionário do Desenvolvimento**. Instituto Camões, 2020. Disponível em: <<https://ddesenvolvimento.com/portfolio/fome/#:~:text=A%20fome%20%C3%A9%20a%20priva%C3%A7%C3%A3o,m%C3%A9dia%20de%20vida%20das%20popul%C3%A7%C3%B5es>>. Acesso em 12/07/2023.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

JOSSO, Marie-Christine. A transformação de si a partir da narração de histórias de vida. In: **Revista Educação**, ano XXX, p. 413-438, 2007.